

O Nome do Jogo

Mal o governo anunciou as medidas para enfrentar a crise financeira começou a corrida dos grupos corporativistas para defender a sua parte. Cada um dos grupos levanta a bandeira dos próprios problemas e esquece que o que está em jogo agora não são os interesses particulares, mas a nação. Numa democracia, é certo, há lugar para reivindicações de todos os setores, mas numa democracia às voltas com ataques especulativos de todos os lados, principalmente os provenientes do exterior, o mínimo que se pede aos cidadãos é a união em torno do interesse nacional. Este é o nome do jogo.

Diante de 51 medidas baixadas pelo Palácio do Planalto, das quais 23 ainda dependem de aprovação do Congresso, consideradas indispensáveis para reagir com firmeza ao furacão internacional, ninguém conscientemente pode continuar pensando em suas vantagens pessoais. A palavra patriotismo continua no dicionário e o que se divisa pela frente é período de sacrifícios a serem metodicamente divididos por todos os setores. A quota de sacrifício é irrecusável. Impostos, empregos, lucros, cortes, tudo está colocado neste momento num dos pratos da balança.

Ao dizer que o Brasil não é país de avestruzes e precisa enfrentar a crise de frente, o ministro do Planejamento forneceu a senha para balizar o comportamento da sociedade. Servidores federais, classe média, povo em geral, cada um se acha mais sacrificado do que o outro, quando na verdade todos estão no mesmo barco, sem possibilidade de abandoná-lo neste momento.

Toda crise tem dois aspectos. Ao mesmo tempo que produz situações desagradáveis, abre possibilidade de mudanças. Historicamente grandes crises sempre precederam transformações positivas. Os indivíduos e os grupos existem dentro de uma sociedade com história e tradição, e a história e a tradição não podem ser camisas-de-força, mas pontos de partida para invenções de novas formas de convivência.

Os sindicalistas prestes a ir à rua para defender

sua fatia corporativista estão na contramão. Políticos, sindicalistas, industriais, comerciantes não podem se constituir em vozes conservadoras ao arrepio da marcha internacional. A nação está acima de todos, e de forma indivisível. A atual geração de brasileiros adultos vive o especial momento de enfrentar o desafio de desenhar o futuro, sem se prender ao que foi feito nos últimos 500 anos, nem aos últimos 50. É preciso ousadia para romper esquemas tradicionais e pensar em novas maneiras de ser civilização sem cair na utópica ilusão do radicalismo.

A globalização traz desafios inéditos, não necessariamente micros ou macros, mas internacionais. Estes desafios têm a característica de colocar a nu as virtudes e os defeitos do povo e de seu sistema de governo. O Brasil em particular possui uma característica perturbadora, pois nele se encontram setores extremamente avançados, de ponta, em contraste cada vez mais acentuado com amplos segmentos sociais, culturais e políticos decididamente retrógrados. Chegou a hora de passar a limpo estas diferenças. Nos países chamados centrais, a revolução cultural e tecnológica já vem se produzindo há décadas e até séculos, seguindo à risca projetos sucessivos em que o investimento em educação de base, em pesquisa avançada e em cultura constituem prioridades nacionais permanentes.

O momento atual é delicado, exige rapidez nas decisões, cortes profundos em vários setores e sobretudo senso de patriotismo capaz de dar a todos consciência de que os valores nacionais estão acima dos egoísmos particularistas. O individualismo dos anos 80 atropelou os valores básicos com sua tendência de resolver problemas com o *jeitinho* que tanto amesquinhou o país. Na virada do século, as questões adquiriram dimensão globalizante pela própria evolução do mundo e tudo a ser feito deve ser feito com os olhos postos no futuro. E já que todos estão no mesmo barco, as consequências devem ser estendidas igualmente a todos. Caso contrário, todos afundarão sob a mesma onda.